

Erico Verissimo: editor, tradutor e traduzido

Erico Verissimo: editor, translator and translated

Nícollas Cayann¹
Anselmo Peres Alós²

Resumo: O artigo disposto nas páginas que seguem trata de explorar as conexões e pontos de interação entre a carreira múltipla desenvolvida por Erico Verissimo entre escritor, editor e tradutor explorando também o aspecto de internacionalização das traduções de suas obras em língua estrangeira. Para tanto, utilizam-se pressupostos metodológicos da literatura comparada e da historiografia literária que culminam em um trabalho que versa sobre aspectos históricos, geográficos e analíticos da literatura de Erico Verissimo em idioma estrangeiro. O artigo tem a intenção de entender os entremeios que guiaram a carreira internacional do autor, assim como quantificar a sua experiência internacional (na medida do possível), levando em conta os dados disponíveis sobre as traduções de seus livros feita por Minchillo (2013), adicionando um título faltante, a tradução perdida.

Palavras-chave: Estudos de Tradução. Literatura de Viagem. Erico Verissimo.

Abstract: The article on the following pages explores the connections and points of interaction between the multiple career paths followed by Erico Verissimo as a writer, editor and translator, also exploring the internationalizational aspect of the publications of translations of his works in a foreign language. To this end, methodological assumptions from comparative literature and literary historiography are used, which culminate in a work that deals with historical, geographical and analytical aspects of Erico Verissimo's literature in translation. The article intends to understand the intertwinings that guided Erico Verissimo's international career as well as to quantify the writer's international experience (as far as possible) taking into account the available data on the translations of his books made by Minchillo (2013), adding a missing title, the lost translation.

Keywords: Translation studies. Travel Writing. Erico Verissimo.

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Este artigo é uma das produções acadêmicas construídas dentro do âmbito do projeto pós-doutoral "Verissimo e a Tradução Perdida: A black cat on a field of snow", sob execução de Nícollas Cayann e supervisão do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós. Financiado pela FAPERGS, edital 07/2022, o projeto acontece junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM.

² Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Como foi bem apontado pela primeira *História Literária do Rio Grande do Sul* (Silva, 1924), João Simões Lopes Neto tem um papel ímpar na literatura do Estado, pois é o pai da literatura gaúcha, declaração atestada também por um número expressivo de pesquisadores e críticos literários (Zalla, 2023). Pois se Simões é o pai, Erico Verissimo é o padrinho da literatura sul-riograndense. Nascido aos dezessete dias do mês de dezembro do longínquo ano de 1905, e falecido em 1975 — completando então, em 2025, 120 anos de sua existência e 50 anos de sua partida —, Erico Verissimo teve uma formação interessante que produziu o homem que até hoje é conhecido por seu talento literário.

O autor é costumeiramente lembrado pelo seu trabalho monumental na escrita da “epopéia” gaudéria *O Tempo e o Vento*. A bem da verdade, essa coleção feita pelo autor é severamente longa e complexa e merece todo o apreço que recebe. Rendeu ao escritor trilha sonora, minissérie, curtas, versões cinematográficas, serviu de inspiração para todo um cancionário californiano moderno e é um dos principais títulos escolhidos por tradutores ao redor do mundo para levar a literatura de Erico Verissimo aos seus países e inseri-la em suas culturas - diz-se que foi também uma das principais leituras de Garcia Marques ao escrever *Cem anos de Solidão*. Essa grande obra literária que é a saga *O Tempo e o Vento* é também a razão pela qual várias outras áreas da carreira de Erico Verissimo ficam, muitas vezes, eclipsadas.

Um dos trunfos de meu projeto pós-doutoral é exatamente versar sobre áreas da vida do autor que ainda não foram suficientemente exploradas. O projeto Verissimo e a tradução perdida intitulada *A Black Cat on a Field of Snow*, que acontece na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) sob supervisão do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós, tem também como intuito instigar focos de pesquisa desse grande nome do cânone literário brasileiro em avenidas ainda pouco exploradas. Este artigo faz parte de uma série de produções acadêmicas que culminam na pesquisa e esforços acadêmico-culturais na intenção de celebrar a vida do autor no ano de 2025.

O artigo aqui apresentado faz uso de revisão bibliográfica e levantamento de dados bibliográficos em bibliotecas, livros/materiais físicos e digitais, assim como acesso a materiais de arquivos, no intuito de, através de dados secundários, elaborar pesquisa qualitativa sobre a vida editorial e tradutológica de Erico Verissimo. O artigo está dividido, então, nesta introdução, em uma seção sobre os louros editoriais do autor e sua faceta tradutora, e uma outra

parte abordando a expressão de sua literatura brasileira e sul-riograndense em língua estrangeira, e, por fim, uma breve conclusão.

Editor e tradutor

Nascido em Cruz Alta, na banda missioneira do Rio Grande do Sul, ao centro-norte do pampa gaúcho, Erico Verissimo começa a receber sua educação formal em 1912 no Colégio Elementar Venâncio Aires. Em 1914, no estourar da Primeira Grande Guerra, então menino, Erico Verissimo começa a cair de amores pelo cinema francês. Em 1916, debaixo de uma nespereira no quintal da casa que fora de seu avô no centro de Cruz Alta, próximo à praça General Firmino de Paula, o quase adolescente lê de Jules Verne a Eça de Queirós. Já em 1918, o jovem Erico Verissimo vê a cidade sendo atingida pelos efeitos da gripe espanhola, sua família é poupada. Em 1922, muito longe dos escritores, artistas plásticos, músicos, compositores e intelectuais do modernismo, o autor enfrenta dramas pessoais, a separação dos pais e, logo na sequência, vê em 1923 a Revolução Constitucionalista a cavalgar pelo pampa. Enquanto a vida passava em Cruz Alta, Erico Verissimo trabalhava em diferentes frentes, ocupando posições em trabalhos modestos com o pai na farmácia, por exemplo (Hohlfeldt, 1984).

Foi só em 1929, na *Revista do Globo*, que a estreia literária de Erico Verissimo chegava ao grande público. Seu conto “Ladrão de Gado” colocava o nome do cruzaltense finalmente nas publicações da editora. Com este conto de inclinações regionalistas, temática (ou nicho) na qual o autor foi inserido de fato muito mais tarde com a publicação de sua obra master *O Tempo e o Vento*. Se engana o leitor que imagina que, após o primeiro conto, o autor jazia consagrado, pois esse não foi o caso de Verissimo (não é o caso de quase ninguém). Em 1931, o autor se transferiu para Porto Alegre no mesmo ano em que se casou com Mafalda, sua companheira de vida. Assumiu então a redação da *Revista do Globo*:

Erico Verissimo iniciou seus trabalhos na Livraria do Globo em fins de 1930, assumindo a produção da *Revista do Globo*, uma publicação quinzenal que trazia assuntos variados: propaganda, literatura e também muita fofoca sobre a sociedade porto-alegrense. Ele praticamente produzia a *Revista* sozinho, dirigia, traduzia contos e artigos de publicações americanas, francesas, inglesas, italianas e argentinas, mandando reproduzir suas ilustrações. Muitas vezes, segundo o próprio Erico, teve de piratear publicações estrangeiras e escrever contos e poemas de última hora (Balzan, 2016, p. 99).

Logo em seguida, Erico Verissimo fez uma segunda “estreia” no mundo literário com *Fantoches* (1932) e, na sequência, *Clarissa* (1933). E foi assim que Verissimo começou a carreira na editora que, dali em diante, publicaria todos os seus livros (Arbex, 2002). Em meio à sua carreira de produção literária, Erico Verissimo também foi secretário do departamento editorial da Livraria do Globo e, mais tarde, assumiu o cargo de conselheiro editorial – o qual manteve até o fim de seus dias (Torres, 2012). Nesta posição, Erico Verissimo tomou diferentes empreitadas editoriais — algumas até mesmo arriscadas, contudo, obteve sucesso (Martins Filho; Pavão, 2003). Em 1941, o auditório da Associação Brasileira de Imprensa recebia um número expressivo de personalidades da elite intelectual brasileira para a apresentação de Erico Verissimo do compêndio *Viagem através da Literatura Americana*. Trabalho que fez parte do projeto editorial de Erico Verissimo na Livraria do Globo:

Dois grandes projetos editoriais fazem parte da história cultural e comercial do livro no Brasil. De um lado, Monteiro Lobato, na Revista do Brasil e na Companhia Editora Nacional - São Paulo, através da Biblioteca Pedagógica Brasileira.

De outro, Erico Verissimo, na Livraria do Globo, editor e tradutor que, através de várias coleções, realizou um dos mais consistentes projetos culturais já concebidos e realizados no Brasil em todos os tempos. Revelando-se um editor ousado e atento, ajudou a cunhar um projeto cultural que levou o leitor brasileiro a uma viagem através da literatura de língua inglesa (Torres, 2012, p. 20).

De acordo com Ledur (2012), Verissimo foi responsável por construir um aparato que serviu para divulgar a literatura estadunidense no Brasil. Carlos Drummond de Andrade, sob o pseudônimo de “O Observador Literário”, publicou em sua coluna *Conversa Literária*:

Erico Verissimo levou à Associação Brasileira de Imprensa uma grande assistência, entretendo-a com a sua interessante *Viagem Através da Literatura Americana*. Erico é um romancista cada vez mais acatado. É cada vez mais lido, mais amado do público (Torres, 2012, p. 7).

Havia uma dependência do mercado livreiro brasileiro em relação ao mercado livreiro europeu, este na época dominado pela França. Além disso, mesmo nas escassas publicações brasileiras, existia uma enorme influência estrutural, uma fidelidade ao modelo literário e romancista francês. Foi Simões Lopes Neto um dos primeiros a romper a forte influência da escrita francesa do século XIX.

O autor a quem mais tarde foi atribuído o título de regionalista - hoje considerado um pré-modernista que serviu de inspiração até mesmo a Guimarães Rosa - foi responsável pelo efetivo distanciamento que se deu entre a escrita de inspiração francófona e a mimetização que se aplicava no mundo lusófono, principalmente o brasileiro. Simões Lopes Neto deixou de lado

a voz fria e impessoal dos narradores franceses (bastante recorrente em Balzac e Flaubert, por exemplo) e apropriou-se de uma voz narrativa em primeira pessoa em uma narração presente, uma narração de testemunha. Contudo, Simões Lopes Neto não teve reconhecimento imediato em âmbito nacional, nem mesmo na esfera regional.

Há uma falsa ideia de que Simões Lopes Neto serviu como um modelo para os modernistas. Ao menos de forma declarada isso é difícil de provar; e no que diz respeito aos gaúchos, nas duas primeiras décadas do século XX, tampouco se percebe a influência do autor. O emprego corriqueiro de estratégias literárias divergentes daquelas empregadas pelo autor (assim como uma distância de vocabulário) exemplifica que não havia unidade estética na prosa regionalista sul-rio-grandense da época, ou seja, ainda não se podia identificar um denominador comum capaz de englobar a escrita dita gaúcha ou sul-rio-grandense (Zalla, 2023). Veja-se a tabela:

Tabela I: *Técnicas literárias na escrita sul-riograndense*

Escritores	Narração homodiegética	Linguagem cotidiana	Técnicas de contraponto/ experimentação formal- narrativa
Simões Lopes Neto	Uso generalizado	Uso generalizado	Uso recorrente
Vieira Pires	Uso esporádico	Uso recorrente	Uso esporádico
João Maia	Uso recorrente	Uso recorrente	Ausência do traço
Clemenciano Barnasque	Ausência do traço	Ausência do traço	Ausência do traço
Darcy Azambuja	Uso esporádico	Uso recorrente	Uso esporádico

Fonte: Estratégias formais “simonianas” no conto sul-riograndense de 1925 (Zalla, 2023, p. 96).

Como se percebe na Tabela I, mesmo sendo um dos primeiros a desafiar o cânone francófono no que diz respeito ao estilo de escrita, nem mesmo os conterrâneos do pelotense tomavam por inspiração os efeitos modernos da escrita simoniana. A escrita do Brasil como um todo, mesmo após a Semana de Arte Moderna de 1922, era fortemente influenciada pela escrita francesa do século anterior. É durante os anos 1930 e 1940 que o rumo da escrita brasileira começa a tomar, de forma categórica, inspiração de outras fontes e passa então a ser fortemente influenciado pela escrita estadunidense.

Antes disso, o Brasil mantinha, no âmbito do mercado livreiro, uma relação de direitos autorais e permissão de ficção traduzida com Portugal, o que gerava uma certa limitação de

circulação e de decisões editoriais. Ademais, ler era um privilégio dedicado apenas à elite da época, a qual lia preferencialmente em francês e se concentrava entre Rio de Janeiro e São Paulo majoritariamente (Hallewell, 1985). A crise econômica mundial instaurada nas primeiras décadas do século XX causou uma mudança drástica no cenário nacional. O livro brasileiro teve um certo poder de competitividade no mercado interno pela primeira vez desde a criação de um mercado livreiro no Brasil no século XIX. A Editora Globo soube tirar proveito da situação (Balzan, 2016) e assim manteve um grande nome no mercado até pouco mais da metade do século XX. Muito daquilo que inclinou a influência da escrita brasileira para o formato moderno anglo-americano se deve aos esforços de Erico Verissimo no seio da Editora Globo.

A casa editorial mais icônica e memorável do Rio Grande do Sul tem uma história de criação bastante interessante:

As origens da Livraria do Globo remontam ao ano de 1883, com uma pequena papelaria e livraria, fundada por Laudelino Pinheiro Barcellos, na qual foi instalada uma oficina gráfica para realizar trabalhos sob encomenda. No entanto, o negócio prosperou com José Bertaso que, de empregado, fez-se sócio da livraria e, com a morte do fundador, em 1919, tornou-se proprietário. Com a nomeação de Mansueto Bernardi para diretor do departamento de propaganda, ampliou-se o mercado da Livraria, apostando na publicação de alguns títulos traduzidos, principalmente da Itália, França e Espanha, o que tornou a editora conhecida nacionalmente. Pode-se dizer, assim, que a Livraria do Globo iniciou um programa editorial regular apenas em 1928 (Balzan, 2016, p. 95).

Alguns fatores internos foram responsáveis pela projeção da Editora Globo. Por exemplo, a chegada de Getúlio Vargas ao poder nacional, o que, por óbvio, projetou o Rio Grande do Sul ao nível de potência regional em parâmetros nunca pensados. A casa editorial gaúcha começa mesmo a se erguer no cenário nacional e se impor como efetivo centro de produção cultural na década de 1930 graças à parceria que se estabeleceu entre Henrique Bertaso e Erico Verissimo (Torresini, 1999). Havia um apelo comercial da produção editorial da Editora Globo - como há em qualquer editora, não esqueçamos que o livro não é apenas um artefato cultural, mas um objeto inserido nos processos do capital – e Bertaso costumava consultar o *Publishers' Weekly* na busca de possíveis títulos a serem traduzidos e publicados no Brasil. Para tanto, estabelecia contato com editores estadunidenses (Balzan, 2016). A parceria entre Verissimo e Bertaso era também parte importante do bom funcionamento da casa editorial:

A dupla Bertaso-Verissimo seria, nos anos seguintes, responsável por importantes publicações da editora, em uma fase mais bem sucedida. O impulso inicial se deu

com a “descoberta” do autor alemão Karl May, cujas histórias de viagens e aventuras encontrou um vasto público consumidor [...]. Essa literatura mais popular possibilitava a criação de uma espécie de fundo para publicação de outros tipos de livros, que contemplassem os grandes clássicos e também o que mais relevante se produzia de literatura contemporânea (Arbex, 2002, p. 10).

Muito das decisões editoriais que primam pela escrita anglo-americana se deve também à paixão que Erico Verissimo demonstrava pela literatura anglófona como um todo. Verissimo acreditava que a escrita moderna anglo-americana teria mais sucesso com o público brasileiro, pois, a seu ver, o romance francês era mais intelectualizado do que objetivo (Torres, 2012), e os leitores brasileiros pós-1922 tendiam a migrar para uma leitura com menos rodeio. O que Erico Verissimo fez foi antecipar um apreço pela leitura anglófona em um cenário nacional em que as elites (basicamente o público leitor) ainda estavam sob fascínio do poder estrondoso da forma narrativa francesa do final do século XIX e começo do século XX. Contudo, é importante entender que Verissimo não era cartomante, mas sim um exímio leitor do cenário e do âmbito internacional, capaz de identificar padrões e entender a amplitude de projeções futuras.

A paixão de Verissimo pelo mundo anglófono advém, obviamente, de questões pessoais e diz respeito ao seu gosto. Mas essa tendência é muito bem informada pelos giros globais que acontecem em sua época (e isso inclui os parâmetros estabelecidos pelas relações internacionais que se instauraram em seu tempo). Erico Verissimo entendeu, muito antes de muitos intelectuais brasileiros, o que era *soft power*³ e como os Estados Unidos estavam utilizando esta técnica em escala global⁴, a começar pela América Latina. O grande empenho hollywoodiano na adaptação de livros em filmes também teve grande influência na formação dessa tendência anglófona que se via instaurada no repertório de Erico Verissimo. Esse repertório anglófono foi diretamente direcionado para a Editora Globo, que investiu fortemente nas traduções de língua inglesa para português brasileiro:

³ *Soft power* é um termo anglófono utilizado para descrever o poder de influência de um país soberano sobre outro país ou sobre grupos estatais ou nacionais. A ideia se opõe à ideia de *hard power*, que está mais ligada ao poder bélico de uma nação.

⁴ Sob a iminência da Segunda Guerra Mundial, o presidente estadunidense Franklin Roosevelt se vê em uma situação complexa na qual os Estados Unidos acabam tomando parte nos conflitos bélicos, mesmo com expressão contrária da opinião pública. Para evitar o sentimento isolacionista, o governo cria então, em 1938, um novo departamento que leva o nome de “Division of Cultural Relations” (Rock, 1994). Esse novo departamento apresenta dois objetivos: 1) mudar a opinião pública ao nível doméstico; e 2) projetar uma opinião pública positiva dos Estados Unidos na América Latina. O departamento apresenta então princípios domésticos e internacionais e, para tal, aplica ações que cobrem os dois extremos (Maccann, 2018). Um memorando de 1939 enfatiza a necessidade de trazer aos Estados Unidos intelectuais latino-americanos, promovendo colaborações institucionais entre universidades e centros educacionais. Esse projeto resultou na ida e vinda de vários intelectuais latino-americanos e na produção de diversos produtos culturais, como filmes e livros. Erico Verissimo foi um dos intelectuais que usufruiu deste projeto, que foi nomeado Política de Boa Vizinhança.

O fato é que com a ajuda de Erico Verissimo, Henrique Bertaso modernizou e dinamizou o comércio livreiro no Brasil e provou que era possível a editora prosperar, mesmo afastada do centro do país. Entre 1931 e 1950, a editora publicou cerca de 1.063 obras, aproximadamente 30% delas foram de literatura traduzida (Balzan, 2016, p. 98).

Erico Verissimo se empenhou e convenceu Bertaso da importância de estabelecer um melhor nível de qualidade para as traduções do Brasil. O mercado livreiro brasileiro apresentava discutíveis traduções de obras europeias e algumas obras norte-americanas, mas na esfera editorial, e a título de revisão, as traduções precisavam de um crivo mais afiado. Desde 1937, a Editora Globo moveu esforços para manter uma equipe capaz de dar conta da demanda de traduções que a própria casa começava a criar (Balzan, 2016). Erico Verissimo mesmo traduziu várias obras do inglês⁵:

A trajetória de Erico Verissimo como tradutor foi construída devido a evidente necessidade propiciada pelos momentos históricos, editorial e pessoal, inclusive. apesar de não possuir titulação acadêmica, Verissimo pôde desempenhar a função de tradutor em virtude de ter boas habilidades em várias línguas e ser um leitor voraz das literaturas inglesa, francesa e alemã. Além disso, chegou a exercer a função de professor de língua inglesa na época em que trabalhava na farmácia do pai. Desse modo, o tradutor irrompe quando surge a oportunidade na Editora Globo, aliada a sua capacidade intelectual (Souto, 2024, p. 39).

Além disso, encomendou traduções de grandes nomes do cenário literário brasileiro da época:

Além dos tradutores fixos da editora, todos de excelente nível e formação. Erico Verissimo tratou de se cercar de nomes de expressão da literatura brasileira. Contou com tradutores convidados⁶ do nível de Mario Quintana, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, entre outros (Torres, 2012, p. 29).

A curadoria editorial de Erico Verissimo também era aplicada em níveis menos visíveis, como, por exemplo, a formação de leitores. Foram diversas as coleções⁷ que foram organizadas por Erico Verissimo, mais de 10 (Torres, 2012), e nestas coleções há o cuidado de mesclar

⁵ Dentre as traduções feitas por Erico Verissimo, destacam-se: *Mas não se mata cavalo?*, de Horace McCoy; *Alemanha Facista ou Soviética?*, de Knickerbocker; *Contraponto*, de Aldous Huxley; e *Ratos e Homens*, de John Steinbeck.

⁶ Dentre as traduções contratadas por Erico Verissimo, destacam-se: *A Fugitiva*, de Marcel Proust (Tradução de Carlos Drummond de Andrade); *A Prisoneira*, de Marcel Proust (Tradução de Manuel Bandeira); *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf (Tradução de Mario Quintana); e *Orlando*, também de Virginia Woolf (Tradução de Cecília Meireles).

⁷ Dentre as coleções organizadas por Erico Verissimo, destacam-se: *Coleção Amarela* (livros policiais e mistério); *Coleção Nobel* (não apenas os vencedores do prêmio, mas também autores de “valor” literário); *Somerset Maugham* (coleção dedicada ao autor com todas suas obras, menos as peças de teatro); e *Biblioteca dos Séculos* (coleção dedicada a grandes clássicos da literatura).

autores ditos “difíceis” para o público leitor, autores de gosto mais popular, autores em voga, e autores que o curador/editor anteviu como nomes literários. Com esse cuidado editorial, Erico Verissimo foi também um dos nomes que moldou o público leitor brasileiro, mesmo estando completamente afastado do eixo central Rio de Janeiro x São Paulo. Desse modo, com cuidado, atenção e talvez até mesmo um pouco de sorte, Erico Verissimo foi proponente de uma guinada cultural no Rio Grande do Sul e no Brasil, alcançando sucesso acadêmico-intelectual e conseguindo, graças também à parceria com Bertaso, manter um estado financeiro saudável (por muitos anos, próspero) para a Editora Globo.

Ao passo que Erico Verissimo construía uma carreira como editor de uma casa de renome regional e nacional, ele também pavimentou uma avenida sólida para o seu trabalho como tradutor e abriu também possibilidade para tantos outros nomes. Essa empreitada lhe rendeu também uma rede de contatos no mundo anglófono (sumariamente estadunidense) que o levou a aventuras intelectuais e pessoais que fugiam ao seu escopo editorial. Em meio ao trabalho como editor, as traduções que fazia e a carreira diplomática que emplacava, Erico Verissimo era também um escritor. Um ótimo escritor. Seu reconhecimento internacional ganhava espaço no mundo das traduções desde os anos 1940. Vejamos quais foram os pulos do gato preto⁸ entre editor, tradutor e traduzido.

Traduzido

A tradução é uma prática antiga, considerada uma das mais antigas funções desempenhadas pela humanidade. Os assentamentos humanos desde o princípio da história foram confrontados com o desafio de entender ou ao menos de se comunicar com o outro. Esses grupos se estabeleciam com línguas e costumes distintos, e embora não existisse o conceito de nação, podemos dizer que a ideia de estrangeiro já vigorava. É daí que vem a necessidade de comunicação e isso gera integração entre essas distintas comunidades da antiguidade (Azevedo; Vitti, 2022).

O conceito de tradução, no mundo ocidental, tem sua fundação no mito bíblico de Babel (Costa, 2013). A história ocidental garante à tradução diferentes espaços ao longo de sua

⁸ Aqui cabe mencionar que na reedição de *A Volta do Gato Preto*, na consagrada coleção capa dura da Editora Globo dos anos 1990, foi incluída uma nota da edição de 1961, na qual Erico Verissimo explica que na nota de *Gato Preto em Campo de Neve* ele explica ao leitor que não há relação entre ele, o autor e o gato preto. Contudo, o autor diz: “Os leitores, porém, não aceitaram a explicação, pois pareceram achar que o gato preto era o próprio autor”. A possível contragosto do próprio Erico Verissimo, eu utilizo gato preto como uma alegoria para Erico Verissimo.

história, os quais são muito dinâmicos por vezes: conflitos armados, internacionalismo, desempenho econômico e comercial, e é claro, um enorme espaço no domínio literário. Sendo assim, a tradução sempre estabeleceu aspectos dialéticos e teóricos tanto quanto práticos. Mas a ideia do que é uma tradução pode ser confusa:

No entanto, a maioria das pessoas parece não ter ideia do que é, realmente, o trabalho do tradutor. Muita gente pensa que basta saber falar uma língua estrangeira para que se possa traduzir um livro escrito nessa língua. Outros julgam que não lhes seria difícil traduzir para o português os livros que leem em inglês, francês, espanhol ou italiano. Puro engano. A profissão de tradutor exige, como todas as profissões, longo período de aprendizagem. A técnica da tradução é difícilíssima. Pode-se quase afirmar que cada livro estrangeiro apresenta certos problemas peculiares. Problemas que exigem soluções diversas (Silveira, 1954, p. 9).

Os estudos literários tomam diferentes formas em diferentes culturas e em distintos sistemas literários. As tradições literárias de diferentes culturas afetam também as tradições tradutológicas do ocidente e do oriente. O tradutor viaja entre esses espaços e trabalha entre culturas. O tradutor é primeiramente um leitor, mas, mais do que isso, é um mediador cultural. Mais do que encontrar vocábulos correspondentes entre os idiomas em que trabalha, o tradutor encontra contextos culturais para expressar o texto de sua origem ao seu destino. Pode-se dizer também que se ganha na comunicação com o processo de tradução, visto que a transição de histórias, ideias e conceitos se estabelece entre diferentes sistemas por meio da tradução. Ao tradutor literário, por exemplo, são atribuídas funções e responsabilidades importantes no que cabe executar um trabalho literário de cunho historiográfico que culmina em produção cultural essencial.

Tânia Carvalhal (2003) entende a tradução como uma possibilidade de leitura de um texto, uma forma de expandir horizontes potenciais do texto de origem em sistemas literários estrangeiros. Sendo assim, o texto, seja ele o original ou uma tradução, é inesgotável, não se pode exauri-lo, se pode apenas instigá-lo e expandi-lo. E mesmo este texto traduzido sendo singular, para Arrojo (1993) não é possível que ele simplesmente deixe de carregar consigo os referenciais temporais e geográficos que o circundam. Ao mesmo tempo, o autor não considera que o texto traduzido possa ser, ou deva ser, livre de inferências pessoais do tradutor.

Traduzir é uma tarefa. Assim como qualquer outro *métier*, traduzir é um ofício que está composto de prazeres, dificuldades, aventuras e muitos desdobramentos. Traduzir é levar o texto de um lugar a outro, e, ainda que posto dessa forma pareça algo simples, um percurso razoavelmente modesto, não o é. A verdade é que traduzir é um ofício interdisciplinar que implica mais do que saber transpor um texto de um idioma para outro. É necessário que se

compreenda a cultura de onde o texto parte e a cultura aonde o texto chegará - é uma viagem. Pode parecer que o autor está em um dos vagões do trem e o tradutor é o condutor que mira o destino. No entanto, a verdade é que o trem não tem condutor - autor e tradutor são companheiros de viagem, uma conversa com o outro, e, mais tarde, o tradutor contará lá nos seus pagos, para lá do quintal do autor, as histórias que ouviu no trem.

No livro *Oficina de tradução: a teoria na prática* (Arrojo, 2013), a autora infere, com exemplos e explicação teórica, que não há atalho para uma boa tradução. O trabalho de traduzir é complexo, garantindo então que não há fórmula secreta que indique a trilha correta a ser percorrida por cada tipo distinto de tradução. Octavio Paz (1971) diz que toda tradução é singular, e, ao mesmo tempo, a referência de um texto já existente. O ato de traduzir é composto por diferentes avenidas a serem percorridas pelo tradutor que resultam no complexo e imbricado processo de troca entre o espaço ocupado pelo texto em sua origem e em seu destino. É uma negociação que toma lugar no plano das ideias, processo de permuta, comuta, decisão que é transpassada por questões ideológicas, culturais, políticas e até mesmo por gostos pessoais. O trajeto que a tradução trilha é o da reescrita, o refazer, o rever, o dizer de outro modo, o que implica um número de marcas, detalhes, traços e pistas que podem ser analisadas naquilo que recai sobre as páginas traduzidas (Blume; Peterle, 2013).

Em um primeiro momento histórico, as traduções eram alocadas no âmbito filológico (hoje mais bem compreendido como campo linguístico) e as traduções literárias em específico, muitas vezes atribuídas ao domínio da literatura comparada (mesmo *avant la lettre*). Até o século XIX, as traduções eram consideradas inferiores aos originais (Bassnett, 1993) e, tendo isso em vista, percebe-se que o campo da tradução na condição acadêmica é relativamente mais jovem que outros campos das letras, mas o ato de traduzir não é novo.

A tradução sempre foi um modo de expansão, de reflexão e de crítica, mas isso nem sempre foi regra. O *modus operandi* tradutológico foi mudando através dos tempos. De acordo com Trevisani (2007), as últimas décadas dos estudos de tradução fizeram do tradutor um agente cultural. A tradução passa então a ocupar um espaço ainda mais relevante na esfera internacional e o tradutor ocupa um papel cada vez mais proativo e de maior responsabilidade não apenas na tarefa de traduzir o texto, mas também no empenho editorial de tal artefato, fazendo então as vezes de um agente cultural responsável pela curadoria dos textos que traduz (Azevedo; Vitti, 2022).

Ser um autor traduzido apresenta numerosos desafios: para tradutores, para o mercado literário, para os livreiros e para os investidores. Mesmo nos grandes centros literários do mundo, há um jogo sendo executado, uma partida mercadológica, monetária, e é claro que em

centros menores os detalhes editoriais que resultam na publicação final de uma tradução têm recursos distintos e problemas diversos. O sucesso ou não de um autor do sul global na tão desejada “república mundial das letras” depende de variantes cujas diretrizes nem sempre são bem especificadas. O ingresso nessa república é demasiadamente custoso, mas para os autores fora do eixo, aqueles ditos de países “exóticos”, o valor é sempre mais alto (Minchillo, 2017). Para aqueles que porventura se arriscarem e tiverem sucesso em tal panteão, o crivo avaliativo que garante ou revoga a permanência de seus textos é severamente desproporcional e de sentido questionável (Casanova, 2002).

O mundo das traduções é como se fosse uma enorme estação de trem. Dali partem várias histórias e os escritores são passageiros que volta e meia dividem cabine com um tradutor e outro. Erico Verissimo tomou vários trens e foi companheiro de viagem de grandes nomes da literatura mundial, principalmente norte-americanos/estadunidenses, como Edgar Wallace e Aldous Huxley. Além de escritor, o sul-rio-grandense desenvolveu diversas outras funções: de professor de inglês informal a embaixador cultural. Para autores como Erico Verissimo, por sua vez brasileiro e, portanto, exótico, os insumos que compõem sua escrita, tal qual aquilo que compõe suas traduções, advêm de diferentes perspectivas: suas ações, seus agentes, seu espaço e sua circulação são regidas por desdobres socioeconômicos muito distintos. A estrutura do espaço de trocas internacionais é crucial ao projeto literário e editorial de Erico Verissimo e tem reflexos no seu desempenho em âmbito nacional e internacional (Sapiro, 2009).

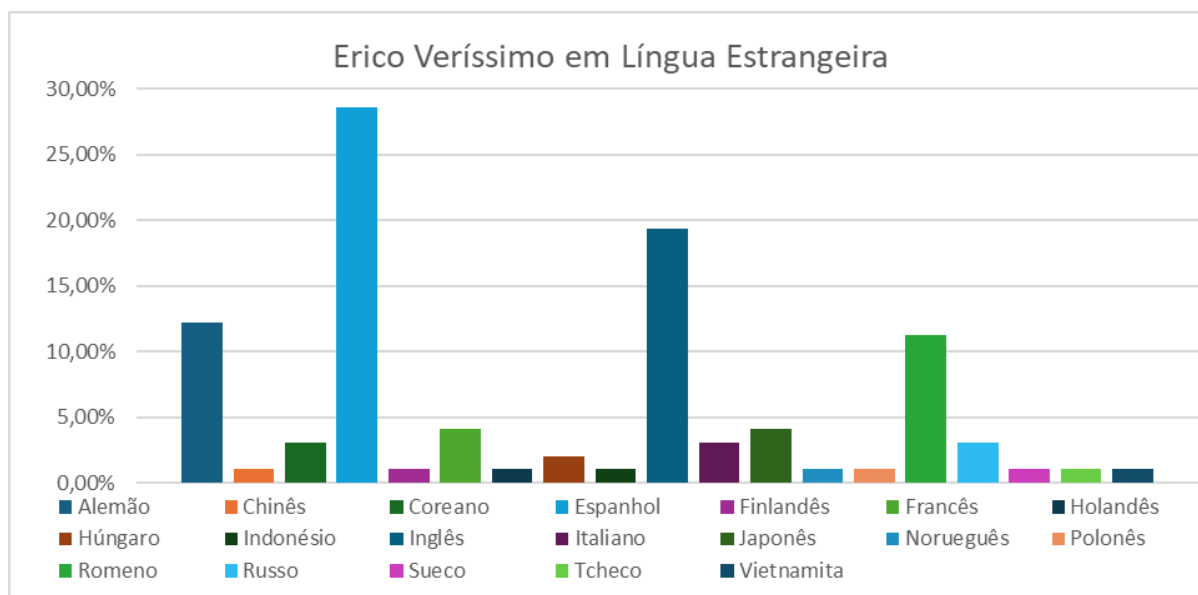
No âmbito de suas viagens de 1943 e 1945 aos Estados Unidos, Erico Verissimo fez serviços editoriais para a Editora Globo na compra de maquinário e consultoria. Além disso, em solo estadunidense, a Verissimo foi também oferecido o posto de Literary Advisor for South American Issues dentro da editora Macmillan. Essa oportunidade abriu portas que eram bastante impensáveis uma década antes. Em 1940, quando o mercado livreiro estadunidense não voltava seus olhos para a América Latina, em um espaço literário em que os romancistas brasileiros não eram lidos ou conhecidos, Erico Verissimo conseguiu a façanha de ter três títulos lançados em tradução pela Macmillan, um deles - *Crossroads* - financiado diretamente pelos esforços da política de “boa vizinhança”. O gaúcho foi um dos únicos escritores brasileiros capazes de consolidar uma carreira literária no exterior durante o século XX (Minchillo, 2017). Verissimo aventurou-se na utópica república mundial das letras, e obteve certo sucesso. Jorge Amado relata:

No ano de 1948, se não me falha a memória, acabávamos de chegar à Itália e íamos pelas ruas de Milão eu e minha mulher, quando, na grande praça onde está o Duomo, em livraria situada na esquina de uma galeria de lojas e butiques vi exposta na vitrine

uma tradução italiana de *Terras do Sem-Fim* [...] e um cartão ao lado onde se lia: "Il più noto scrittore brasiliano". Fiquei vaidoso, é claro, minha mulher também e continuamos nosso caminho. Apenas alguns passos adiante, na outra esquina da mesma galeria, nova livraria em cuja vitrine se exibia a tradução de *O Resto é Silêncio* [...], também com seu cartão ao lado onde se lia "Il più noto scrittore brasiliano". Mandeí contar a história a Erico, rimos, temos os dois felizmente a capacidade de rir dessas vaidades, certo que somos os dois orgulhosos e humildes diante de nossa criação, daquilo que fazemos com consciência, responsabilidade e trabalho árduo [...] (Amado, 1972, p. 29).

É de grande relevância o espaço que ocupa a obra de Verissimo no universo literário brasileiro, mas além de ser aclamado popular e intelectualmente no Brasil, o escritor também desenvolveu uma carreira significativa no espaço internacional. No decorrer da construção de uma tradição diplomática brasileira, Erico Verissimo foi um dos grandes nomes responsáveis pelo aparato diplomático e internacional brasileiro na esfera cultural. Quando assumiu tal posição, o autor já era reconhecido em variados gêneros literários, e a diversidade e a genialidade do escritor expandiram-se por diferentes ramificações da escrita. Graças ao seu talento e à robusta rede de contatos que cultivou na condição de editor da casa Globo, Erico Verissimo conseguiu firmar uma carreira internacional nos Estados Unidos.

O escritor viveu nos Estados Unidos em mais de uma ocasião; visitou também diversos países em viagens, onde esteve em contato com intelectuais, políticos, literatos e tantos outros homens e mulheres importantes que serviram como corrente de produção política, intelectual e social em suas nações. Essa vasta e rica experiência rendeu ao gaúcho várias produções: quatro livros de literatura de viagem e boa parte de sua autobiografia. Dadas as dimensões internacionais da carreira que teceu Erico Verissimo, visto também o seu esforço como tradutor e editor, não vem com assombro o fato de que a sua carreira literária projetou-se também na república internacional das letras. Os textos de Erico Verissimo foram fartamente submetidos à tradução em um escopo de várias línguas:

Gráfico I: Porcentagem de edições em língua estrangeira de livros de Erico Verissimo

Fonte: “Livros de Erico Verissimo publicados no estrangeiro” (Minchillo, 2013, p. 105)

Segundo Minchillo (2013), a obra de Erico Verissimo foi traduzida para 19 idiomas dentro de um arco de 70 anos: sendo a primeira tradução em espanhol de *Olhai os Lirios do Campo*, sob o título de *Mirad los lirios del campo*, em 1940, e a mais recente a tradução de *O Senhor Embaixador*, em chinês, sob o título de *Dàshǐ xiānshēng* (大使先生), em 2009. As traduções de livros de Erico Verissimo em língua estrangeira contabilizam um total de 98 traduções. Como se percebe no Gráfico I, há uma diversidade na porcentagem dos idiomas e culturas para os quais Erico Verissimo foi levado. Os dados seguintes evidenciam o número de traduções em cada língua estrangeira e suas porcentagens no conjunto total: em espanhol são 28 traduções (28,5 %); em inglês, 19⁹ (19,3%); em alemão, 12 (12,2%); em romeno¹⁰, 11 (11,2 %); em francês e japonês, 4 para cada um dos idiomas (4,1 % cada); em coreano, russo e italiano, 3 para cada um dos idiomas (3,1 % cada); em húngaro, 2 (2,1%); nos idiomas finlandês, holandês, indonésio, norueguês, polonês, sueco, tcheco e vietnamita consta apenas uma tradução para cada língua (1,1 % cada).

⁹ Na lista de Minchillo (2013) constam 18 traduções e 1 publicação estadunidense de um livro de Verissimo em português. Para essa porcentagem, foram contabilizadas as 18 traduções mencionadas por Minchillo (2013), mais a tradução perdida: *A Black on a Field of Snow* (tradução de 2008).

¹⁰ O expressivo número de traduções em espanhol é óbvio por questões geopolíticas que corroboram o espaço que ocupava Erico Verissimo no conjunto regional e, por conseguinte, no espaço sul-americano. O número de traduções em inglês se evidencia também pela carreira do autor e por sua popularidade nos Estados Unidos. As traduções em alemão, embora careçam de pesquisa, podem ser explicadas por conexões editoriais do autor e da comunidade germânica do Rio Grande do Sul. Em 1945, a tradução de *O Continente* vendeu mais 300 mil cópias na Alemanha (Dowdle, 2008). Já o expressivo número de publicações em romeno se impõe como um mistério que não está no escopo desta pesquisa, mas que deixa uma lacuna a ser investigada.

As traduções das obras de Veríssimo podem ser verificadas no acervo do Instituto Moreira Salles por meio de consulta online. Na Casa Museu Erico Verissimo, em Cruz Alta, há também algumas traduções de livros do autor. A Biblioteca Erico Verissimo no complexo Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, também possui em seu acervo algumas traduções de livros de Erico Verissimo. Um arrolamento prático e bem detalhado está disponível no trabalho doutoral de Carlos Minchillo, o qual foi defendido em 2013 e aprovado pela Universidade de São Paulo (USP). Em sua tese, Minchillo disponibiliza uma tabela organizada onde se encontram detalhes das traduções publicadas de obras de Erico Verissimo. No livro de Minchillo (2015) - derivação de sua tese -, o autor menciona ter feito uma lista “exaustiva das traduções de Erico Verissimo até 2013” (Minchillo, 2015, p. 29). Como base, o autor pesquisou em sites como WorldCat e UNESCO Translation Index e, claro, no Instituto Moreira Salles. Visto que a lista mencionada é realmente muito completa, foi com surpresa que notei que a tradução *A Black Cat on a Field of Snow* (Verissimo, 2008) não fazia parte do arrolamento feito por Minchillo e tampouco consta no acervo do Instituto Moreira Salles¹¹. Tomei a liberdade de fazer uma versão atualizada da lista de traduções de Erico Verissimo em língua inglesa, adicionando apenas um título àqueles elencados por Minchillo (2013). Veja-se abaixo uma lista em ordem alfabética:

Tabela II - Lista de títulos em língua inglês de traduções de livros de Erico Verissimo

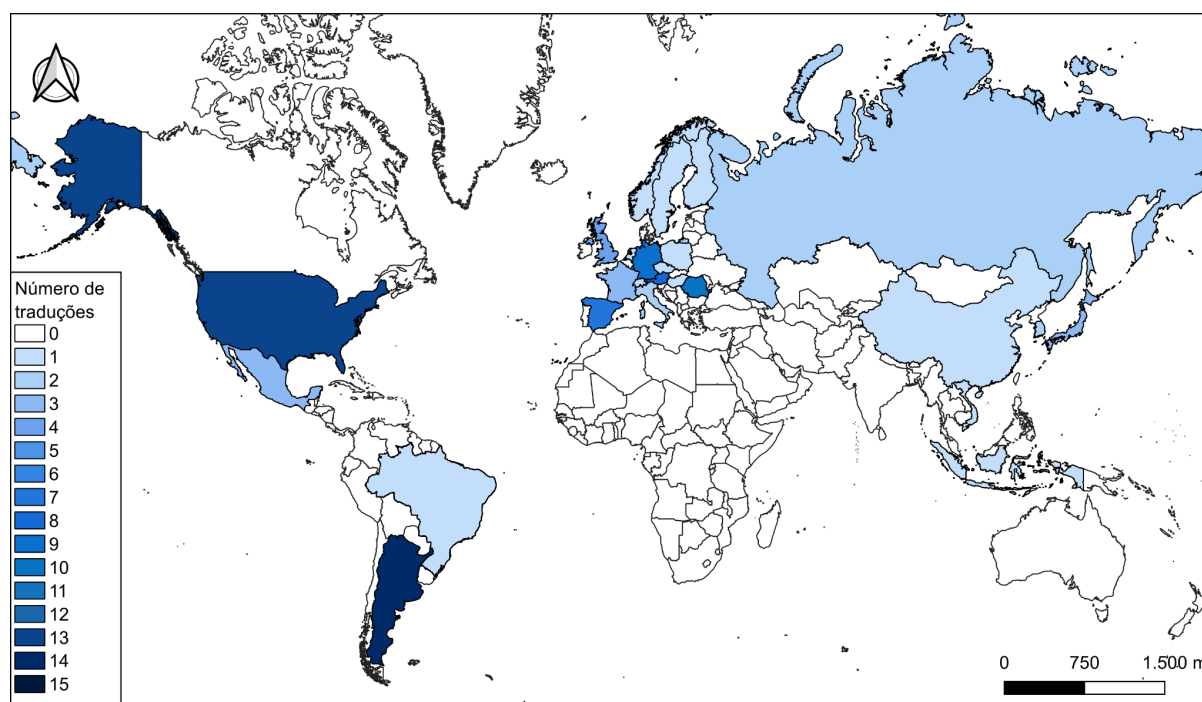
Título	Ano	Tradutor	Editores	País
A Black cat on a field of Snow	2008	Harold L. Dowdle	Holt	Estados Unidos
Consider the lilies of the field	1948	Jean Neel Karnoff	Macmillan	Estados Unidos
Consider the lilies of the field	1969	Jean Neel Karnoff	Greenwood	Estados Unidos
Crossroads	1943	L. C. Kaplan	Macmillan	Estados Unidos
Crossroads and Destinies	1956	L. C. Kaplan	Arco	Reino Unido
Crossroads	1969	L. C. Kaplan	Greenwood	Estados Unidos
Evil in the night	1957	Linton L. Barret	Fawcett	Estados Unidos
His excellency the ambassador	1967	Linton L. Barret e	Macmillan	Estados Unidos

¹¹ Entrei em contato com o acervo em algumas ocasiões desde 2022 e o Instituto Moreira Salles não possui uma cópia da tradução e tampouco sabia de sua existência.

		Marie Mac-David Barret		
México	1960	Linton L. Barret	Orion	Estados Unidos
Mexico	1960	Linton L. Barret	Macdonald	Reino Unido
Mexico	1962	Linton L. Barret	Dolphin books	Estados Unidos
Night	1956	Linton L. Barret	Macmillan	Estados Unidos
Night	1956	Linton L. Barret	Arco	Reino Unido
The rest is silence	1943	L. C. Kaplan	Macmillan	Estados Unidos
The rest is silence	1956	L. C. Kaplan	Arco	Reino Unido
The rest is silence	1969	L. C. Kaplan	Greenwood	Estados Unidos
Time and the wind	1951	Linton L. Barret	Macmillan	Estados Unidos
Time and the wind	1956	Linton L. Barret	Arco	Reino Unido
Time and the wind	1969	Linton L. Barret	Greenwood	Estados Unidos

Fonte: “Livros de Erico Verissimo publicados no estrangeiro” (Minchillo, 2013, p. 105) e *A Black Cat on a Field of Snow* (Verissimo, 2008).

Como se pode aferir pelo Gráfico I e pela Tabela II, Erico Verissimo foi profusamente traduzido em língua estrangeira, especialmente em espanhol e em inglês, tanto nas Américas quanto na Europa:

Mapa I - Países que publicaram edições de livros de Erico Verissimo

¹ Alemão 12 livros compartilhados (Alemanha 10, Austrália 9 e Suíça 1);

² Espanhol 28 livros (Argentina 15, Brasil 1, Espanha 8 e México 4);

³ Inglês 19 livros (Estados Unidos 14 e Reino Unido 5).

Fonte: “Livros de Erico Verissimo publicados no estrangeiro” (Minchillo, 2013, p. 105) e *A Black Cat on a Field of Snow* (Verissimo, 2008).

A manifestação de traduções de autores brasileiros em língua estrangeira no âmbito internacional do norte global era, na época de Erico Verissimo, muito restrita. Até mesmo na América Latina é difícil imaginar uma predominância do único país lusófono da região. Mesmo hoje, os autores brasileiros são pouco lidos no exterior. Algumas exceções são, por exemplo, Clarice Lispector, que sofreu uma internacionalização muito bem arquitetada e estimulada por Gerald Moser. Outro caso é o de Paulo Coelho, que caiu no gosto popular esotérico europeu. Mas se hoje este número é pequeno, em 1940 essa era uma façanha descomunal. Desse modo, a carreira internacional de Erico Verissimo fortificou-se nos Estados Unidos e houve um momento em que o padrinho da literatura sul-riograndense era o brasileiro mais lido nos Estados Unidos dentre seus contemporâneos (Minchillo, 2015). Mesmo assim, houve uma completa falta de atenção ao autor depois de seu retorno. Gerald Moser, grande nome da crítica lusófona em solo estadunidense, disse que a reação praticamente inexistia nos meios de comunicação em relação à morte de Erico Verissimo - visto que não houve cobertura midiática. Certamente essa reação seria outra durante os anos 1940 e 1950, quando Erico Verissimo era o romancista brasileiro mais conhecido e mais lido nos Estados Unidos.

O destino que Erico Verissimo teve nos Estados Unidos, no espaço que ocupava como escritor, foi o mesmo de muitos outros brasileiros, ou seja, o caminho do esquecimento.

Todavia, antes de cair no esquecimento norte-americano ou de ser destituído da cadeira que ocupava na tão sonhada república internacional das letras, o gaúcho teve pelo menos dez de seus títulos traduzidos em língua inglesa. Dentre estes, alguns até mesmo com mais de uma edição. *Caminhos Cruzados* e *O tempo e o vento*, por exemplo, tiveram três editoras diferentes publicando traduções não apenas nos Estados Unidos, mas também no Reino Unido. Mesmo assim, com a dificuldade de se manter inserido no mercado livreiro norte-americano, com a redução dos esforços da política de boa vizinhança e a mudança no cenário global no qual as obras do autor estavam inseridas, tomou lugar um crescente desinteresse editorial e uma baixa na procura por parte dos leitores. Esses fatores fadaram as traduções existentes de Erico Verissimo à descontinuidade, e novas tiragens não foram feitas. Nos anos 1960, a Macmillan, principal casa editorial responsável pelo catálogo de traduções e títulos de Erico Verissimo nos Estados Unidos, foi vendida e descontinuada. Por isso, acredito que as obras do gaúcho foram descartadas. De todo modo, Erico Verissimo continua inspirando intelectuais nos Estados Unidos e há professores como o colega Theodore Young que ainda se interessam em pesquisar as obras de Verissimo.

Palavras finais

O Rio Grande do Sul foi um dos últimos estados a se construir como parte do Brasil. Criou-se no Rio Grande do Sul uma narrativa que, em alguns momentos, parece uma espécie de rechaço à cultura brasileira como um todo, e, ao mesmo tempo, os movimentos separatistas foram fortificados, mas isso são histórias de mais de um século. O que tem menos de um século é a cultura do CTG, que celebra, ou pensa celebrar, o gaúcho. Mas além do óbvio, isto é, que o gaúcho é brasileiro, existe mais de um tipo de gaúcho, mais de uma possível leitura da psique gaúcha e de seu povo. Erico Verissimo fez do pampa o mundo, pois usou as narrativas do estereótipo de gaúcho e de vocabulário e recurso literário regional para criar um mundo para *O Tempo e o Vento*. No entanto, esse não foi o único tipo de gaúcho que ele narrou. Erico Verissimo narra vários tipos: gaúchos, brasileiros e globais.

O interesse pela literatura do escritor gaúcho foi muito voltado à sua grande obra. Das 98 publicações em língua estrangeira, 28 títulos são tomos ou trechos (pequenos contos, anedotas, capítulos) de *O Tempo e o Vento*. Isso representa 28,5% do total de publicações em língua estrangeira, e das 19 línguas registradas, nove têm versões da trilogia. Mas Erico Verissimo é o autor de vários outros livros, e a república internacional das letras bem sabe desse detalhe. Afinal, existem dez publicações estrangeiras de *Olhai os Lírios do Campo*, nove de *O*

Senhor Embaixador, oito de *O Resto é Silêncio* e oito de *Noite*, e tantas outras mais. O talento e maestria do gaúcho e brasileiro Erico Verissimo estará para sempre impresso em uma enorme gama de tipos textuais no Brasil e no mundo.

Editor, tradutor e, por fim, traduzido. Que, em 2025, na efeméride que celebra os 120 anos de nascimento do autor e que homenageia os 50 anos de sua morte, possamos lembrar a importância deste escritor brasileiro que deixou um legado imensurável e que foi responsável também por colocar no mapa do norte global a literatura feita não só no pampa gaúcho, mas também em terras tupiniquins.

Referências

AMADO, Jorge. Erico Verissimo pelo mundo a fora. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre, Globo, 1972.

ARBEX, Paula. *Erico Verissimo, tradutor*. 2002. 150f. Tese de Doutorado (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: https://web.archive.org/web/20230225000114id_/https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13012023-155700/publico/2002_PaulaGodoiArbex.pdf. Acesso em: 04 maio 2024.

ARROJO, Rosemary. *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1993.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução, a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2013.

AZEVEDO, Maria; VITTI, Sylvia. O papel e a função do tradutor e a tradução na atual sociedade globalizada. *Revista Contemporânea*, José dos Pinhais, v. 2, n. 4, p. 314-327, 2022.

BALZAN, Carina. Erico Verissimo - Editor: Contribuições para a história do livro no Brasil. *Revista Nonata*, Porto Alegre, v. 1, n. 26, p. 94-104, 2016.

BASSNETT, Susan. From comparative literature to translation studies. In: *Comparative literature*. Oxford: Blackwell, 1993. p. 136-168.

BLUME, Rosvitha; PETERLE, Patrícia. *Tradução e relações de poder*. Tubarão: Copiart, 2013.

CARVALHAL, Tania. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

COSTA, Patrícia Rodrigues. *Do ensino de tradução literária*. 2013. 284f. Dissertação de mestrado (Estudos da Tradução). Brasília, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15077/1/2013_PatriciaRodriguesCosta.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

HOHLFELDT, Antônio. *Coleção Esses Gaúchos*: Erico Verissimo. Porto Alegre, Tchê!, 1984

LEDUR, Paulo. Prefácio. In: TORRES, Waldemar. *Erico Verissimo editor e tradutor: viagem através da literatura*. Porto Alegre: AGE, 2012.

MARTINS FILHO, Plínio; PAVÃO, Jadyr. Um grande “inventor”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Encarte n. 16: Erico Verissimo na Livraria do Globo. Instituto Moreira Sales, nov. 2003.

MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo: cosmopolitismo e relações interamericanas*. 2013. 388f. Tese de doutorado (Doutorado em Literatura Brasileira). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-14082013-095744/pt-br.php>. Acesso em: 04 maio 2024.

MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*. São Paulo: Ed. USP, 2015.

PAZ, Octavio. *La traducción: literatura y literariedad*. Barcelona: Tusquets, 1971.

SAPIRO, Gisèle. Comparativism, transfers, entangled history: sociological perspectives on literature. In: BEHDAD, Ali; THOMAS, Dominic. *A companion to comparative literature*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011. p. 225-36

SILVA, João Pinto. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

SILVEIRA, Brenno. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

SOUTO, Sheila. *Tradução no contexto da Era Vargas: Erico Verissimo tradutor de Aldous Huxley*. 2014. 108f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6296/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 04 maio 2024.

TREVISANI, Ana Paula. Teoria e prática da tradução: o papel do tradutor. *Acta. Sci. Human Soc. Sci.* Maringá, v. 29, n. 1, p. 35-40, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3073/307324783005.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

TORRES, Waldemar. *Erico Verissimo editor e tradutor: viagem através da literatura*. Porto Alegre: AGE, 2012.

TORRESINI, Elisabeth W.R. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

- VERISSIMO, Erico. *A black cat on a field of snow*. Provo: TriQuest, 2008.
- VERISSIMO, Erico. *Consider the lilies of the field*. Nova York: Macmillan, 1948.
- VERISSIMO, Erico. *Consider the lilies of the field*. Nova York: Greenwood, 1969.
- VERISSIMO, Erico. *Crossroads*. Nova York: Macmillan, 1943.
- VERISSIMO, Erico. *Crossroads*. Nova York: Greenwood, 1969.
- VERISSIMO, Erico. *Crossroads and Destinies*. Londres: Arco, 1956.
- VERISSIMO, Erico. *Dàshǐ xiānshēng* (大使先生). 南方家園: Pequim, 2009.
- VERISSIMO, Erico. *Evil in the night*. Nova York: Fawcett, 1957.
- VERISSIMO, Erico. *Gato Preto em Campo de Neve*. Porto Alegre: Globo, 1941.
- VERISSIMO, Erico. *Gato Preto em Campo de Neve*. Nova York: Holt, 1947.
- VERISSIMO, Erico. *His excellency the ambassador*. Nova York: Macmillan, 1967.
- VERISSIMO, Erico. *Incidente em antares*. Porto Alegre: Globo, 1963.
- VERISSIMO, Erico. *Mexico*. Nova York: Orion, 1960.
- VERISSIMO, Erico. *Mexico*. Nova York: Dolphin books, 1962.
- VERISSIMO, Erico. *Mexico*. Londres: Macdonald, 1960.
- VERISSIMO, Erico. *Mirad los lirios del campo*. Buenos Aires: Club del libro, 1940.
- VERISSIMO, Erico. *Night*. Nova York: Macmillan, 1956.
- VERISSIMO, Erico. *Night*. Londres: Arco, 1956.
- VERISSIMO, Erico. *Olhai os lírios do campo*. Porto Alegre: Globo, 1938.
- VERISSIMO, Erico. *O Prisioneiro*. Porto Alegre: Globo, 1967.
- VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. Porto Alegre: Globo, 1965.
- VERISSIMO, Erico. *The rest is silence*. Nova York: Macmillan, 1946.
- VERISSIMO, Erico. *The rest is silence*. Nova York: Greenwood, 1969.
- VERISSIMO, Erico. *The rest is silence*. Londres: Arco, 1956.

VERISSIMO, Erico. *Time and the wind*. Nova York: Macmillan, 1951.

VERISSIMO, Erico. *Time and the wind*. Nova York: Greenwood, 1969.

VERISSIMO, Erico. *Time and the wind*. Londres: Arco, 1956.

ZALLA, Jocelito. *Simões Lopes Neto Modernista*. São Paulo, Letras e Voz, 2023.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v17.n39.03>

Submetido em: 21/01/2025

Aprovado em: 03/11/2025